

Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), Doutora da Igreja?*

1. Introdução. Um *novo* Doutor da Igreja?

Para uma reflexão sobre a conveniência do Título de Doutora da Igreja para Edith Stein, partamos da questão essencial: esta Santa prima (*eminet*) pela doutrina teológica e espiritual? Ou seja, tem uma doutrina eminente (*eminens doctrina*)? Propomos aqui mostrar de forma sintética que ela oferece um ensinamento teológico-antropológico fundamental *ante litteram*¹, de que a Igreja e o mundo precisam, um ensinamento do qual a Igreja e o mundo já começaram a se valer, um ensinamento que nela se entrelaça com a existência, tornando-se testemunho de vida para um tempo carente de mestres que sejam também verdadeiras testemunhas².

Mas, já não foram muitos os Doutores no campo espiritual reconhecidos pela Igreja no século passado, começando por São João da Cruz (1926)? Não se encontram já presentes, sobretudo do lado feminino, santas proclamadas Doutoradas ou candidatas ao doutorado, que fizeram da própria experiência e inteligência espiritual fora do comum matéria de ensinamento, começando por Santa Teresa de Jesus (1970) e passando por Santa Teresa do Menino Jesus (1997)? Se Edith Stein, conquistada “pelo vivo realismo da experiência mística”³, foi reconhecida santa como mártir (*martys*, precisamente testemunha)⁴ e extraordinária especialista na “ciência da Cruz”, é verdade, porém, que o dela seria *um doutorado eclesial totalmente original*: teríamos finalmente *uma mulher com um percurso acadêmico de altíssimo nível*, que partindo de uma reflexão filosófica sobre a pessoa, através da escuta atenta da Palavra de Deus, do Magistério e sobretudo do ensinamento de São Tomás de Aquino e de Santo Agostinho⁵, desenvolve a sua própria filosofia cristã, fruto maduro de uma profunda “sabedoria do coração” que sabe “conciliar o estudo racional dos mistérios da fé com a oração e a contemplação”, em que conhecer, amar e *quaerere Deum* tornam-se um só⁶. Assim, a nossa Santa poderia iluminar ainda mais, com a força do seu exemplo, um aspecto muito atual do carisma feminino. E poderemos descobrir nela uma antecipação daquele “Pentecostes teológico”, desejado pelo Papa Francisco “que permitirá às mulheres e aos homens do nosso tempo escutar ‘na própria língua’ uma reflexão cristã que responda à sua busca de sentido e de vida plena”⁷.

* Tradução de Irma Jacinta Turolo Garcia e Maria Cecilia Isatto Parise.

¹ Edith Stein, com sua antropologia filosófica aberta à teologia e à espiritualidade, antecipa uma nova disciplina, que será a antropologia teológica.

² Cf. o parágrafo 3.

³ Beato MARIA EUGENIO DO MENINO JESUS, *Apostolat du Carmel et besoins de notre temps*, in “Carmel” 37 [1954], p. 27.

⁴ “A caridade do mártir também pode ser embelezada com o esplendor da ciência (1Cor 12,8)” (CONGREGAÇÃO DAS CAUSAS DOS SANTOS, *Le Cause dei Santi*, Libreria Editrice Vaticana, 2018, p. 631). Pense no caso de Santo Irineu de Lyon, recentemente declarado Doutor da Igreja (21 de janeiro de 2022).

⁵ Edith Stein, embora não seja uma teóloga em sentido estrito, possui grande competência nas fontes teológicas comuns à dogmática e à moral (Sagrada Escritura, Tradição, Magistério, Liturgia, Teologia) e nas de espiritualidade (a história da espiritualidade e a escritos de testemunhas qualificadas, em particular dos Doutores Carmelitas), bem como em outras fontes auxiliares, *in primis*, é claro, a filosofia.

⁶ BENTO XVI, *Teologia Monástica e Teologia Escolástica*, Audiência Geral de 28 de outubro de 2009, e *Ruperto di Deutz*, Audiência Geral de 9 de dezembro de 2009. Os Padres da Igreja já sabiam bem que “teologia” não é mera “tecnologia”, mas brota da oração e da contemplação. JOÃO PAULO II: “A irmã Teresa Benedetta da Cruz diz a todos nós: Não aceiteis como verdade nada que seja desprovido de amor. E não aceiteis como amor nada que seja desprovido de verdade! Uma semente outra torna-se uma mentira destruidora” (Homilia para a canonização, 11 de outubro de 1998).

⁷ FRANCISCO, Discurso em Nápoles em 21 de junho de 2019, por ocasião da Conferência “Teologia depois da *Veritatis gaudium* no contexto do Mediterrâneo”, promovido pela Pontifícia Faculdade Teológica do Sul da Itália.

Justamente pela sua originalidade, será que destacar o pensamento de Edith Stein com uma marca tão forte de catolicidade como a de Doutora da Igreja não acabaria diminuindo o seu potencial no campo filosófico? Mas “é a atual redescoberta do princípio da interdisciplinaridade” que exige uma nova capacidade de transitar entre diversas dimensões do conhecimento (filosofia, teologia, espiritualidade, pedagogia, psicologia, literatura...) em busca daquela verdade integral que permite uma visão unificada das coisas, ligando-se assim a uma longa tradição católica (pensa-se nas *Summae* medievais), mas também abrindo para a Igreja novos e amplos espaços de missão⁸. Aqui encontramos a aptidão de nossa Santa para captar o bom, onde quer que ele se encontre⁹, para conciliar a tradição hebraico-cristã (antiga, medieval e moderna) com o pensamento e as ciências contemporâneas, para elevar-se da fenomenologia à metafísica, para abrir a razão à Revelação cristã e à fé. Em tempos de crise de fé e de crise antropológica, ela nos ensina que ainda hoje, por meio de uma pesquisa existencial e intelectual honesta, é possível encontrar a Verdade em Pessoa, pois assim é possível reconhecer a própria verdade do homem¹⁰.

Finalmente, é apropriado conferir o título de Doutora da Igreja a Edith Stein tão cedo, uma vez que ainda não podemos avaliar a universalidade e a durabilidade de sua influência doutrinária dentro da Igreja? É verdade que a consciência de sua importância foi bem precoce¹¹, mas apenas oitenta anos se passaram de sua morte (1942) e o interesse por sua pesquisa cresceu notavelmente apenas nas últimas décadas, graças também ao impulso dado pelos reconhecimentos eclesiais (a beatificação em 1987, a canonização em 1998 e a proclamação dela como Co-patrona da Europa em 1999), bem como a publicação e tradução da sua *opera omnia* (desde 1950). No entanto, a extensão e a qualidade da difusão e recepção do seu pensamento nos falam de algo muito promissor, sem esquecer que a influência já exercida sobre o Magistério (sobretudo o de João Paulo II) está destinada a permanecer. E em todo caso, segundo os números, santos como Alfonso Maria de Ligório (84 anos entre sua morte e a

⁸Cf. FRANCISCO, Constituição Apostólica *Veritatis gaudium* (2017), Proêmio, 4c: o de Edith Stein é um excelente exemplo da busca “da unidade do conhecimento na distinção e respeito pelas suas expressões múltiplas, correlatas e convergentes”, uma busca realizada “com sabedoria e criatividade à luz da Revelação”; pode constituir um convite dirigido aos centros intelectuais da Igreja a caminhar nesta direção. Cf. parágrafo 4 (Uma “razão ampliada”).

⁹ Cf. ORIGENS, *Carta a Gregório*; GREGÓRIO DE NISSA, *Vida de Moisés*, II, 115-116.

¹⁰ Cf. FRANCISCO, *Veritatis gaudium*, 1: “A alegria da verdade (*Veritatis gaudium*) exprime o desejo ardente que torna inquieto o coração de cada homem até que não encontra, habita e compartilha com todos a Luz de Deus (cf. Agostinho, *Conf.*, X, 23.33; I,1,1). Com efeito, a verdade não é uma ideia abstrata, mas é Jesus, o Verbo de Deus em quem está a Vida que é a Luz dos homens (cf. Jo 1, 4), o Filho de Deus que é ao mesmo tempo o Filho do homem. Só Ele, “ao revelar o mistério do Pai e do seu amor, revela o homem ao homem e torna clara a sua vocação suprema” (Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, 22)”.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Fides et ratio*, *incipit*: “A fé e a razão são como as duas asas com as quais o espírito humano se eleva à contemplação da verdade. É Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última instância, conhecê-lo para que, conhecendo-o e amando-o, chegue também à verdade plena sobre si mesmo”. No capítulo de *Fides et ratio* sobre a “Interação da teologia com a filosofia”, a própria Edith Stein é citada, juntamente com outras personalidades, como um exemplo de particular fecundidade (no número 74).

É providencial, entre outras coisas, que seja precisamente uma mulher como Edith Stein que nos ajude a realizar aquele esperado “aprofundamento dos fundamentos antropológicos e teológicos necessários para resolver os problemas relativos ao significado e à dignidade de ser mulher e de ser homem” ao que João Paulo II responde com a Carta Apostólica *Mulieris dignitatem* (1988, um ano após a beatificação de Teresa Benedetta da Cruz; citação do n. 1).

¹¹ Já durante sua vida, o mundo católico alemão pôde apreciar sua profundidade e clareza intelectual, graças a seus escritos e conferências. Deve-se considerar também que a primeira publicação de sua obra completa (*Edith Steins Werke*) começou já em 1950. “A conversão de Edith Stein nos fornece valiosas evidências da orientação do pensamento alemão. Edith Stein está se tornando famosa; quem poderia se alegrar mais do que nós?” (Beato MARIA EUGENIO DO MENINO JESUS, *Apostolat du Carmel et besoins de notre temps*, cit., p. 27).

proclamação) ou Teresa do Menino Jesus (100 anos) não tiveram um tempo maior para serem reconhecidos como Doutores; sem contar, por outro lado, um caso particular como o de Santa Hildegard de Bingen, “mística dogmática” alemã, proclamada Doutora da Igreja poucos meses depois de sua canonização (2012). Também não se deve temer um acúmulo inoportuno de títulos, tendo em vista o precedente de Santa Catarina de Sena, Doutora da Igreja (1970) e também Co-patrona da Europa (1999). Em vez disso, pensamos que uma proclamação desse modo possa ser fecunda para a vida da Igreja. A pergunta então será: como uma Doutora como Edith Stein, única em seu gênero, é capaz de ajudar a Igreja e o mundo nos desafios atuais e futuros? A sua presença ajuda-nos a reconhecer os sinais dos tempos?

2. Recepção e difusão

No Povo de Deus está hoje difundido o conhecimento de Edith Stein, sobretudo por sua experiência como hebreia, filósofa e carmelita, pela sua espiritualidade centrada na Cruz e pelo seu martírio, elementos frequentemente destacados, também pelos pastores da Igreja, em particular pelos Papas dos últimos decênios: vejam-se as palavras de João Paulo II por ocasião de sua beatificação, canonização e a proclamação como Co-patrona da Europa ou as referências ocasionais de Bento XVI e Francisco¹². Mas, mesmo antes disso, foi ela mesma quem mostrou a um papa, Pio XI, toda a sua profunda atenção aos acontecimentos históricos atuais e toda a sua lucidez profética na carta de abril de 1933, na qual descreveu, com termos teológicos precisos, como “clara heresia” e “idolatria” a ideologia do Partido nazista que tinha acabado de tomar o poder na Alemanha¹³; depois de ter criticado claramente a antropologia nazista em suas aulas do semestre de inverno de 1932-33 (posteriormente reunidas sob o título *A estrutura da pessoa humana. Curso de antropologia filosófica*), por não ser ariana, Edith Stein é forçada a deixar a carreira acadêmica, para finalmente entrar no Carmelo de Colônia no dia 14 de outubro de 1933. Se no apelo aflito ao Papa descobrimos vários elementos que aparecerão alguns anos depois na Carta Encíclica *Mit brennender Sorge* (1937), considerando toda a contribuição intelectual da Santa, no Magistério mais amplo encontramos confirmações de sua visão profética e traços dignos de nota de sua presença.

O caráter profético da contribuição de Edith Stein também pode ser encontrado em diversas linhas marcadas desde o início pelo Concílio Vaticano II: a “atualização” da linguagem da fé (João XXIII); a solidariedade “com o gênero humano e com a sua história” (GS 1); o dever de “perscrutar os sinais dos tempos” (GS 4); a dignidade da pessoa e a liberdade religiosa (*Gaudium et spes e Dignitatis humanae*); a vocação universal à santidade, mas também a salvação fora dos limites visíveis da Igreja (*Lumen gentium*); a relação com o povo hebreu e o diálogo ecumênico (*Nostra aetate*); o valor da Palavra de Deus (*Dei Verbum*); a renovação litúrgica (*Sacrosanctum concilium*). Karol Wojtyła – João Paulo II certamente entrou em

¹² JOÃO PAULO II, *Homilia* em Köln-Müngersdorf (República Federal da Alemanha) de 1º de maio de 1987; *Homilia* em Roma, Praça de São Pedro, de 11 de outubro de 1998; Carta Apostólica *Spes aedificandi*, 1º de outubro de 1999. Bento XVI, *Angelus* de 14 de agosto de 2005; *Discursos aos jovens em Colônia* em 18 de agosto de 2005 (durante a Jornada Mundial da Juventude em Colônia em 2005, em seus discursos públicos o papa repetidamente nomeou Santa Teresa Benedita da Cruz, padroeira do evento junto com outros santo Alberto Magno; lhe foram dedicados momentos de oração, uma exposição fotográfica, uma representação teatral, sessões acadêmicas, bem como celebrações eucarísticas e Adoração Eucarística contínua no mosteiro carmelita da cidade); *Discurso em Auschwitz* em 28 de maio de 2006; *Audiência Geral* de 11 de outubro de 2006, com saudações aos grupos de língua alemã por ocasião da bênção de uma estátua de Santa Teresa Benedita da Cruz, colocada em um nicho externo da Basílica de São Pedro; *Audiência geral* de 13 de agosto de 2008. FRANCISCO, *Audiência geral* de 8 de agosto de 2018, de 7 de agosto de 2019, de 23 de novembro de 2022...; *Discurso* de conclusão do encontro sobre “A proteção dos menores na Igreja” de 24 de fevereiro de 2019 (cf. Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, 8).

¹³ ESGA 2, carta 251; trad. it. *Lettere I (1916-1933)*, Città Nuova - Edizioni OCD, Roma 2022, pp. 438-441.

contato com a obra de Edith Stein em sua reflexão filosófico-teológica sobre a pessoa e sobre a diferença entre homem e mulher, tão fundamental para o Magistério dele (pensa-se, por exemplo, à “teologia do corpo”¹⁴), e já vimos como quis mencioná-la naquela Encíclica chave que é a *Fides et ratio*¹⁵; mas também não esqueçamos aqui a sensibilidade do Papa polonês para com o significado do sofrimento e da Cruz (cfr. *Homilia* de 11 de outubro de 1998). Joseph Ratzinger – Bento XVI sabe que desde a antiguidade o cristianismo se concebe “como uma continuação do pensamento filosófico, ou seja, da busca do homem pela verdade”¹⁶ e compartilha com Edith Stein a “necessidade de pensar” que permite um diálogo aberto com os contemporâneos. Francisco não só tem presente a reflexão no campo espiritual (cfr. *Gaudete et exultate*, 8), mas compartilha o horizonte universalista e a solidariedade social inerentes à experiência e à reflexão antropológica de nossa Santa (*Fratelli tutti...*). Como não ter presente, então, a atenção e valorização da mulher por parte desses Pontífices?

Para se ter uma ideia da difusão do conhecimento do pensamento de Edith Stein, podemos começar considerando a publicação de seus escritos. Como tivemos a oportunidade de apontar, o lançamento da *Edith Steins Werke* (ESW) começou já em 1950 e foi interrompida com o décimo oitavo volume em 1998 (base das traduções em italiano, inglês, francês, polonês, holandês, espanhol...); mas essa série foi entretanto substituída pela edição mais científica da *Edith Stein Gesamtausgabe* (ESGA), com textos, introduções e notas reordenados e renovados, uma obra impressionante em 27 volumes já concluídos (de 2000 a 2014, com o acréscimo em 2020 de um vigésimo oitavo volume com textos e traduções redescobertos), obra traduzida para muitas línguas europeias e não europeias: italiano, espanhol, inglês, francês, polonês, português, holandês, sueco, norueguês, esloveno, croata, tcheco, húngaro, romeno, russo, ucraniano, japonês, coreano, árabe... Para apoiar a publicação das obras de Edith Stein e seu estudo, foi criado após da segunda guerra mundial o *Edith Stein Archiv* (Arquivo Edith Stein) junto ao Carmelo Maria da Paz de Colônia, na Alemanha, que reúne manuscritos, livros, fotos e qualquer outro material relacionado com a Santa, como a ampla correspondência de Madre Maria Amata Neyer (por muitos anos responsável pelo Arquivo) com testemunhas contemporâneas por ocasião da beatificação e canonização de Edith Stein. Destaca-se também a publicação em 2017 de um *Edith Stein Lexikon* (ESL), sem falar das antologias temáticas que reúnem textos ao alcance de um público não especializado mais amplo, interessado em seu pensamento e em seu testemunho espiritual.

Existem no mundo associações e centros de estudo steinianos, começando pelo primeiros em ordem cronológico:

- Stichting Dr. Edith Stein (Echt, Paesi Bassi),
- Towarzystwo im. Edyty Stein (Associazione Edith Stein, Breslavia, Polonia),
- Edith Stein Gesellschaft Deutschland (ESGD),
- Associazione Italiana Edith Stein (AIES),
- Centrum Badań im. Edyty Stein (Centro di Ricerca Edith Stein, Università Adam Mickiewicz, Poznań, Polonia),
- Círculo de Estudios Steinianos de México,

¹⁴ Vemos um exemplo preciso desse contato em como João Paulo II, na *Audiência geral* de 16 de abril de 1986, retomou a visão de Edith Stein da teoria da evolução expressa mais de cinquenta anos antes em suas aulas de antropologia (1932-33), uma abordagem segundo a qual a alma humana é criada diretamente por Deus, mas o corpo humano pode ter se desenvolvido gradualmente a partir de matéria pré-existente: cf. ESGA 14, p. 70; trad. it. *La struttura della persona umana. Corso di antropologia filosofica*, Città Nuova - Edizioni OCD, Roma 2013, pp. 96-97.

¹⁵ No número 74. O papa não os menciona aqui, mas entre os “pensadores mais recentes” não queremos esquecer dois precursores da reflexão conciliar como o polonês Erich Przywara e o italo-alemão Romano Guardini, porque Edith Stein, até certo ponto, conheceu os seus pensamentos e se inspirou neles.

¹⁶ BENTO XVI, *Che cos'è il cristianesimo. Quasi un testamento spirituale*, Milão, Mondadori 2023, p. 34.

- Edith Stein Project (University Notre Dame, Indiana, USA),
- Cátedra Edith Stein: Antropología, psicología y espiritualidad (CITEs, Ávila, Spagna),
- International Association for the Study of Philosophy of Edith Stein (IASPES),
- Area Internazionale di Ricerca “Edith Stein e il pensiero contemporaneo” (Pontificia Università Lateranense, Roma),
- Groupe de Recherche Steinien (Collège des Bernardins, Parigi),
- Centro de Estudios Interdisciplinarios en Edith Stein (Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago),
- Edith Stein Gesellschaft Österreich (ESGÖ),
- Edith Stein Institute for Carmelite Studies (American University of Prague),
- Instituto de Filosofía “Edith Stein” (IFES, Granada, Spagna),
- Kirchliche Pädagogische Hochschule Edith Stein (Innsbruck, Austria).

Existem também duas revistas dedicadas exclusivamente a Edith Stein: “Edith Stein Jahrbuch” (Teresianischer Karmel in Deutschland und Österreich, com ESGD e ESGÖ); “Steiniana. Revista de Estudios Interdisciplinarios” (Centro de Estudios Interdisciplinarios en Edith Stein, Santiago de Chile). Destaque ainda para a coleção “Edith Stein Studies”, lançada em 2020 (Rowman & Littlefield, com o patrocínio de IASPES, da Edith Stein Association of Wroclaw e Institute for Carmelite Studies de Washington). A amplitude da bibliografia steiniana e da literatura secundária pode ser compreendida consultando a obra (em vias de atualização) do professor Francesco Alfieri, *Die Rezeption Edith Steins. Internationale Edith-Stein-Bibliographie 1942-2012* (Würzburg 2012), que elenca de forma não exaustiva 2.855 estudos críticos sobre a autora, de 1919 a 2012, registrando tamanha intensificação que até o momento já alcançou mais de 10.000 títulos. Existem ainda centenas de teses doutorais sobre o pensamento de Edith Stein, sobretudo em filosofia, mas também em teologia ou em pedagogia. Finalmente, pensando no impacto atual e potencial da experiência e do pensamento de Edith Stein sobre o Povo de Deus e além, por que não recordar os sinais de uma devoção de dimensão popular que ultrapassa as fronteiras do continente europeu? Uma Igreja a ela dedicada foi elevada a Santuário pela primeira vez em 8 de dezembro de 2021, em Lubliniec, cidade polonesa dos avós maternos e da infância da Santa (na época pertencia ao território da Prússia com nome de Lublinitz), mas em várias partes da Europa e do mundo podemos encontrar igrejas, paróquias, associações, escolas, institutos universitários, locais de formação¹⁷, conferências, cursos, sites de internet, exposições ou monumentos em sua homenagem (muito material útil no *Edith Stein Archiv* de Colônia), confirmando uma já reconhecida referência católica que um doutorado eclesial faria brilhar mais ainda.

3. Testemunha e, por isso, mestra

A estreita ligação entre a sua vivência e o seu pensamento, a forte integração entre a doutrina e a vida, é um aspecto da figura de Edith Stein que está em estreita sintonia com as recentes orientações relativas aos doutoramentos e com a forte ênfase atual no valor do testemunho, um valor não inferior ao dos ensinamentos. Se no passado essa questão era talvez menos sentida, hoje parece assumir uma importância quase determinante: os doutores mais recentes caracterizam-se por esta acentuação do aspecto existencial. Falando de sua conversão, Edith Stein escreve a Ingarden: “Nos últimos anos, vivi muito mais do que fiz filosofia. Os meus

¹⁷ Clérigos ou leigos, encontram-se na Europa, na América, mas também em África (Nkolbisson nos Camarões; Bukavu-Muhumba no Congo; Morogoro na Tanzânia; Marovoay em Madagáscar) e na Ásia (Mysore, Karnataka na Índia; Eluru, Andhra Pradesh na Índia; Burdwan, Bengala Ocidental na Índia; Marunggela na Indonésia) ...

trabalhos são sempre e apenas fruto daquilo que me tem ocupado na vida, porque sou feita assim: tenho de refletir”¹⁸. “O homem contemporâneo – advertia o Papa Paulo VI, e o seu alerta ainda hoje é atual – escuta com mais boa vontade as testemunhas do que os mestres ou, se escuta os mestres, é porque são testemunhas”¹⁹.

No caminho de conversão de Edith Stein, tanto as grandes como humildes testemunhas da “fé vivida” desempenham um grande papel, quase como uma explicitação da Exortação do Papa Francisco, *Gaudete et exsultate*: «Deixemo-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta através dos membros mais humildes daquele povo que “participa também do ofício profético de Cristo difundindo por toda parte o Seu testemunho vivo, sobretudo por meio de uma vida de fé e de caridade”²⁰. Edith Stein, a intelectual, a filósofa, a docente, numa palavra, a “mestra”, é concretamente, ela mesma uma testemunha, que pode acompanhar o homem contemporâneo no seu árduo caminho rumo à “verdade”: com o seu entusiasmo e com a sua sede de autenticidade que já vive na infância; com o carinho, a atenção e o respeito pelos familiares, com a alegre companhia dos amigos e com o amor pela natureza; com a sua paixão pela verdade e a dignidade da pessoa; com a fidelidade vivida aos seus amigos e aos seus ideais morais e sociais, mesmo nos anos de sua incredulidade, como nos desânimos e momentos de depressão de sua juventude, e na dura experiência de estar diante de algo que não se consegue obter apenas com a própria vontade²¹, descobrindo assim que o ser humano não se salva sozinho, e que essa convicção é uma «solução esplêndida, mas fictícia»²²; até que com a sua conversão encontra “o lugar onde existe repouso e paz para todos os corações inquietos”²³, tanto que ela pode afirmar: “Só aprendi a amar a vida quando soube para que vivo”²⁴; depois com a conscienciosidade e a criatividade com que vive a sua missão de pesquisadora e educadora, também na vida cotidiana e no uso escrupuloso do tempo; com a sua constante atenção e pronta resposta às solicitações da graça; com a alegria da oração, pessoal e comunitária; finalmente, com a radical disponibilidade ao “dom de si” (*Selbsthingabe*), até o *holocausto* final, onde ser crucificada, para “esposa do Cordeiro” “será uma festa de núpcias”²⁵. Em tudo isto, mais do que mestra, Edith Stein é testemunha, guia que acompanha e indica a meta. Precisamente por ser uma mulher de grande experiência – experiência concreta, também de acompanhamento espiritual, além de intelectual – ela pode ser verdadeiramente considerada mistagoga, mostrando aos homens e mulheres de nosso tempo e de todos os tempos, os “caminhos do silêncio interior” e as “vias do conhecimento de Deus”²⁶:

Muitas pessoas me procuram e qualquer um que acredita poder receber ajuda de mim é muito bem-vindo [...] Digo-lhe isso porque de verdade desejo ajudá-la a alcançar a Única coisa necessária [...]. Eu sou apenas um instrumento nas mãos do Senhor. Quem vem a mim, eu quero conduzi-lo a Ele. E onde vejo que isso não acontece, mas que o interesse está mais voltado para minha pessoa, então não

¹⁸ ESGA 4, carta 78.

¹⁹ PAULO VI, Discurso aos membros do “*Consilium de Laicis*”, 2 de outubro de 1974; cf. ID., *Evangelii nuntiandi*, 41.

²⁰ FRANCISCO, *Gaudete et exsultate*, 8; a citação interna da *Lumen gentium*, 12.

²¹ Cf. ESGA 1, p. 226; trad. it. *Dalla vita di una famiglia ebrea e altri scritti autobiografici*, Città Nuova - Edizioni OCD, Roma 2007, pp. 327-328.

²² ESGA 16, p. 165; trad. it. *Natura e soprannatura nel Faust di Goethe*, in *Formazione e sviluppo dell'individualità*, Città Nuova - Edizioni OCD, Roma 2017, p. 241.

²³ ESGA 2, carta 45; trad. it. *Lettere I (1916-1933)*, cit., p. 99. Sobre a “incoerência das pretensões de autossalvação, que se baseiam apenas na força humana”, cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta Placuit Deo* (2018).

²⁴ ESGA 4, carta 85.

²⁵ ESGA 20, p. 139; trad. it. *Nel castello dell'anima. Scritti spirituali*, Edizioni OCD, Roma 2020, p. 444.

²⁶ Cf. ESGA 13, pp. 43-45; trad. it. *Vie del silenzio interiore*, in *La donna. Questioni e riflessioni*, Città Nuova - Edizioni OCD, Roma 2010, pp. 60-63, e ESGA 17; trad. it. *Vie della conoscenza di Dio. Saggio su Dionigi Areopagita*, Città Nuova - Edizioni OCD, Roma 2020.

posso mais ser útil como instrumento e devo rezar a Deus para que conceda a sua ajuda por outro caminho; de fato, Ele nunca se utiliza de uma única via²⁷.

4. A filosofia cristã e a ideia de uma “razão ampliada”

Filosofia, fé, espiritualidade

Por vezes, tentou-se classificar as obras de Edith Stein em obras de caráter “teológico” (por exemplo *Scientia Crucis*, *Vias do conhecimento de Deus* e os numerosos artigos e meditações, reunidos nos volumes 19 e 20 da ESGA, dedicados aos *Escritos espirituais*), e obras de caráter “filosófico”, no topo das quais se deveria colocar – no período posterior à sua conversão – *Ser finito e Ser eterno*. Na realidade, porém, uma simples passada de olhos no índice dessa última obra mostra claramente como a sua reflexão filosófica culmina numa visão do homem e de toda a criação para a qual é essencial a contribuição da Revelação. O “Ser eterno” ao qual conduz a reflexão sobre o “ser finito” não é o Deus captado pelo puro pensamento filosófico, mas é o Deus de Jesus Cristo, o Deus que se revelou em Jesus Cristo, o Deus Trino e o Verbo feito carne. Só *este* Deus lhe parece capaz de dar resposta à sede e ao anseio de verdade e de plenitude, a que o homem naturalmente e irremediavelmente aspira.

Além disso, não apenas *Ser finito e ser eterno*, mas também os seus textos de antropologia e de teoria da educação testemunham essa intrínseca ligação, em seu pensamento, entre a investigação humana e a revelação divina. O apêndice a *Ser finito e ser eterno* que tem por objeto o *Castelo interior* de Santa Teresa legitima-se como uma obra “filosófica”, pela luz que aquela obra de Teresa pode lançar sobre o ser e sobre a estrutura da alma, que se revela a nós entrando, com a Santa, pela porta da oração. No curso de “antropologia filosófica”, Edith Stein afirma claramente que “a antropologia filosófica precisa da integração de uma antropologia teológica”²⁸, que aquilo que a verdade revelada nos diz sobre o homem é necessário para uma teoria e uma prática educativa – até chegar à afirmação decisiva do significado e importância, para este escopo, das “verdades eucarísticas”. No *Prefácio* de *Scientia Crucis*, que é um *Estudo sobre São João da Cruz*, Edith Stein adverte que na sua interpretação do Santo Doutor virá também à luz sua própria pesquisa sobre a natureza e sobre leis do ser e da vida espiritual: de fato, São João da Cruz oferece sugestões e ideias preciosas para a compreensão do ser humano, mas lhe são estranhos os esforços cronologicamente posteriores à sua época, voltados para a elaboração de uma “filosofia da pessoa”, empenhada na elucidação de conceitos como os de “eu”, de “liberdade” e, também, de “pessoa”.

A intrínseca ligação que subsiste entre pensamento filosófico e pensamento teológico-dogmático dá, então, os seus frutos até o âmbito da doutrina espiritual e do acompanhamento espiritual. O interesse constante de Edith Stein dirige-se, de fato, à concretude da vida do indivíduo, da singularidade de cada um. Embora Edmund Husserl permaneça sempre para ela o seu “venerável mestre”, ela compartilha “aquilo para onde tende a convergir todo o movimento filosófico dos últimos anos”, ou seja, “a tematização filosófica da realidade e da vida concreta, isso é, de tudo o que Husserl põe de lado”²⁹.

²⁷ ESGA 2, cartas 106 e 123; trad. it. *Lettere I (1916-1933)*, cit., pp. 206.

²⁸ ESGA 14, p. 26; trad. it. *La struttura della persona umana*, cit., p. 36.

²⁹ ESGA 4, carta 101.

O ideal de uma “imagem completa do mundo”

O seu ideal de uma “*geschlossenes Weltbild*”, de uma “imagem completa do mundo”, capaz de satisfazer não apenas as exigências do pensamento, mas também a necessidade do homem concreto de orientar-se no viver e no agir, levantou algumas vezes a suspeita, e até uma acusação aberta, de falta de respeito [por parte de Edith Stein] pela distinção entre razão e fé, de confusão entre disciplinas diversas, acima de tudo entre filosofia e teologia; seus limites e métodos diferentes não seriam por ela respeitados, até chegar a uma redução da filosofia à teologia, que estaria implícita em sua ideia de “filosofia cristã”. Na realidade, porém, deve-se dizer que ela não nega de forma alguma a possibilidade e a necessidade de uma investigação puramente racional da realidade, em particular de uma investigação e de uma doutrina puramente racional sobre Deus transcendente e criador, e que de fato a possibilidade de tal “teologia natural” é repetidamente afirmada por ela (por exemplo em *Vias do conhecimento de Deus*³⁰) e também explorada concretamente (por exemplo em *Ser finito e ser eterno*³¹). Sem dúvida, porém, não é isto que lhe interessa em primeiro lugar, ela não está preocupada prioritariamente em estabelecer e respeitar a distinção e delimitações das duas disciplinas, teologia e filosofia; de fato, o seu desejo constante e esforço é dar resposta à sede humana de verdade, ou seja, percorrer sempre o “caminho da alma em direção a Deus”.

A esse respeito, é extremamente significativa a sua resenha do volume *Jesus, o Cristo*, de Karl Adam. Por um lado, ela denuncia nele “a falta do fator que deve ser levado em consideração como pensamento metafísico, o conhecimento natural de Deus”³²; por outro lado, “quantos incrédulos – se pergunta – se tornaram crentes em virtude das provas tomistas de Deus?”³³. Tampouco os *praeambula fidei* históricos da crítica bíblica dos Evangelhos são mais eficazes do que os *praeambula fidei* filosóficos; ambos são eficazes no combate às objeções, mas a fé, afirma, nasce do encontro com Cristo, “tanto na palavra do Evangelho, como na vida e em todo o ser de quem segue o Senhor e o leva dentro de si, seja naquela força envolta em mistério que nos arrasta para dentro das Igrejas e nos coloca de joelhos diante do Sacrário. E quem encontrou o Senhor por uma dessas vias, não pede mais provas”³⁴.

No entanto, ela também está convencida de que a busca puramente racional de Deus não deve ser negligenciada porque, como ensina Tomás, “só assim se pode percorrer um trecho de estrada junto com os não-crentes”, só assim é possível um “trabalho em comum com eles”; nesta mesma página de *Ser finito e ser eterno*, a atenção de Edith Stein dirige-se, em todo caso, para um novo percurso, no que diz respeito a esse trecho comum: “se eles aceitarem percorrer esse trecho de estrada conosco, talvez ainda, mais tarde, se deixarão guiar além o que pretendiam em sua intenção originária”³⁵; isto é, deixar-se-ão guiar para aquele âmbito da verdade inacessível à razão: a filosofia como preparação à fé.

Uma “razão ampliada”

Guiada por seus dois mestres, Edmund Husserl³⁶ e São Tomás de Aquino, Edith Stein situa-se plenamente na perspectiva aberta por São João Paulo II com a Encíclica *Fides et ratio* e,

³⁰ ESGA 17, pp. 39-41; trad. it. *Vie della conoscenza di Dio*, cit., pp. 25-29.

³¹ Cf. por exemplo o segundo capítulo sobre *Ato e potência* como modos de ser, em particular § 7.

³² ESGA 19, p. 206.

³³ ESGA 11/12, p. 104; trad. it. *Essere finito e essere eterno. Per una elevazione al senso dell'essere*, Città Nuova, Roma 1988, p. 150.

³⁴ ESGA 19, p. 209.

³⁵ ESGA 11/12, pp. 35-36; trad. it. *Essere finito e essere eterno*, cit., p. 66.

³⁶ Edith Stein, ao contrário de Martin Heidegger, é uma aluna de Edmund Husserl fiel à sua fé na razão, que é também uma forma de sua fé no espírito; esta confiança não diminui com a conversão de Edith Stein à fé católica,

continuada por Bento XVI a propósito da “razão ampliada”, por exemplo, num discurso aos docentes das Universidades Europeias em 2007: “[...] o conceito de razão deve ser ‘ampliado’ para poder explorar e compreender aqueles aspectos da realidade que vão para além da dimensão meramente empírica. Isso permitirá uma abordagem mais fecunda e complementar da relação entre fé e razão”³⁷. Papa Francisco na Constituição Apostólica “*Veritatis gaudium*” sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas não é menos insistente quanto ao necessário diálogo entre disciplinas, convidando à:

[...] interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade exercitadas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação. O que qualifica a proposta académica, formativa e de investigação do sistema dos estudos eclesiais, tanto ao nível do conteúdo como do método, é o princípio vital e intelectual da unidade do saber na distinção e no respeito pelas suas múltiplas, correlatas e convergentes expressões³⁸.

Décadas antes do convite dos últimos Papas, Edith Stein realizou uma busca da verdade com base na convicção de que os saberes se unem entre si sem suprimir a legítima autonomia de toda ciência, em particular da filosofia e da teologia. Seguindo o pensamento de Husserl, ela acredita que a filosofia deve ir ao encontro das ciências de seu tempo; por isso, em sua antropologia filosófica, utiliza alguns dados provenientes das ciências. A passagem mais importante de sua obra é o parágrafo sobre o sentido e a possibilidade de uma filosofia cristã de “*Ser finito e ser eterno*”, onde ela escreve sobre as verdades reveladas como complemento (*Ergänzung*) possível e ponto de partida para uma pesquisa filosófica:

A razão se tornaria irracional se quisesse persistir em deter-se naquilo que pode descobrir com suas próprias luzes e fechar os olhos ao que lhe é tornado visível por uma luz superior. De fato, é preciso sublinhar isto: o que a Revelação nos comunica não é algo simplesmente ininteligível, mas tem um significado inteligível: não é para ser compreendido e demonstrado a partir das realidades naturais; de fato, não é para “compreender-se” [*begreifen*] (isto é, para ser esgotado conceitualmente) porque é algo incomensurável, de inesgotável e que de vez em quando torna compreensível [*faßbar*] de si apenas o que deseja; mas em si é inteligível e, para nós, inteligível na medida em que a luz nos é dada, e é fundamento para uma nova compreensão intelectual dos fatos, que precisamente assim se revelam como fatos não apenas naturais³⁹.

A cultura e a mentalidade modernas e contemporâneas muitas vezes restringem o âmbito da razão à realidade intramundana, e o âmbito do saber às ciências – ciências naturais e ciências humanas –: é uma visão cientificista da razão. Ao mesmo tempo, o clima cultural atual caracteriza-se por uma fragmentação dos saberes devido à falta de uma disciplina que os organize em unidade à luz de um conhecimento do sentido do ser humano e da realidade em geral. No fundo, parece ser uma forma de cientificismo fideísta, de desconfiança da capacidade da razão humana de elevar-se, até certo ponto, a Deus, semelhante à atitude daqueles crentes que, ao lado das ciências, mas fundamentalmente sem relação com elas, expressam o âmbito da fé, mas de uma fé que, também por falta de uma investigação metafísica sobre a realidade, fica dependente de uma opção puramente subjetiva, relegada no limbo das escolhas individuais e privadas, sem nenhuma pretensão de “verdade”.

Nos seus anos de estudos universitários na Breslávia, ainda muito longe de colocar-se “questões religiosas”, Edith Stein se depara com as *Investigações lógicas* de Edmund Husserl

onde a razão, dom de Deus, se torna acolhimento humilde d'Aquele que se doa, a Verdade em pessoa: assim essa conversão tem o sentido de fidelidade e de realização.

³⁷ BENTO XVI, *Discurso* aos participantes do encontro de reitores e professores das universidades europeias, 23 de junho de 2007.

³⁸ FRANCISCO, *Veritatis gaudium*, Proemio, 4c.

³⁹ ESGA 11/12, p. 30, trad. it. *Essere finito e essere eterno*, cit., p. 60.

e é, por elas, conquistada. Escreve (já depois da sua conversão à fé católica, mas sempre grata ao seu mestre): “é mérito histórico das *Investigações Lógicas* de Husserl [...] o ter elaborado, em toda a sua pureza, a ideia da verdade absoluta e do conhecimento objetivo a ela correspondente, e de ter cabalmente acertado as contas com todos os relativismos da filosofia moderna, com o naturalismo, com o psicologismo e com o historicismo. O espírito encontra a verdade, não a produz. E ela é eterna. [...] A verdade não muda. Isso significava um retorno à grande tradição da filosofia...”⁴⁰. Isso era o que ela talvez desejasse, inconscientemente, em sua juventude. Pouco tempo depois, Max Scheler lhe teria aberto um outro horizonte, insuspeito e inesperado, o da fé católica e do pensamento católico: “entrei pela primeira vez em contacto com um mundo que, até então, me era completamente desconhecido. [...] As barreiras dos preconceitos racionalistas em que eu havia crescido, sem saber estavam caindo, e o mundo da fé inesperadamente se colocava diante de mim”⁴¹.

Depois de ter descoberto a Verdade que é uma Pessoa, ou melhor, uma Trindade de Pessoas Divinas, que dá ao homem o dom da sua própria vida e da sua própria luz, que confrontará com esta luz dada cada conquista do espírito humano, segundo o princípio paulino: «Avaliai cada coisa e conservai aquilo que é bom » (1Ts 5,21). Compartilhando com o homem moderno e contemporâneo o interesse pelo cosmos no desenrolar de todas as suas estruturas e em todos os seus domínios, que culminam na pessoa, é, no entanto, capaz de uma visão que dá conta do sentido e da unidade do real, sobretudo do sentido e da preciosidade do ser humano; investigados com audácia e confiança pela razão natural, e iluminados pela revelação divina, eles finalmente resplandecem numa visão integral e integrada, livre de qualquer reducionismo preconcebido.

5. O núcleo antropológico e teológico do pensamento steiniano

A verdade da pessoa

A verdade que Edith Stein sempre buscou é a verdade da pessoa. Isto já se aplica à sua tese de doutorado, na qual trata do problema da empatia (*Einfühlung*) e que até hoje permanece uma referência nos estudos sobre a intersubjetividade, tanto no campo filosófico quanto no psicológico. Edith Stein não apenas oferece uma descrição do ato empático, mas considera a empatia em relação ao problema da constituição da pessoa humana. Nesse sentido, a tese sobre a empatia é o ponto de partida daquele que será o fio condutor de toda a sua pesquisa posterior, como escreve em sua autobiografia:

A partir daí [do exame do ato da empatia], porém, tinha chegado a uma questão que me era particularmente cara e com a qual me ocupei em todos os meus trabalhos sucessivos: a constituição [*Aufbau*] da pessoa humana”⁴².

Esta afirmação é confirmada uma última vez no final de sua vida, no *Prefácio* de *Scientia Crucis*, fornecendo assim uma inclusão para toda a sua obra⁴³. Na atenção à pessoa humana, ela está de acordo com a mentalidade e com o pensamento filosófico moderno e contemporâneo, mas não apenas: está também de acordo com o Magistério recente. A Constituição Conciliar *Gaudium et spes* reflete plenamente o seu pensamento quando afirma que “somente no mistério

⁴⁰ ESGA 9, p. 85-90, pp. 87-88; trad. it. *Che cos'è la fenomenologia?*, in *La ricerca della verità. Dalla fenomenologia alla filosofia cristiana*, Città Nuova, Roma 1993, pp. 55-60, p. 58.

⁴¹ ESGA 1, p. 211; trad. it. *Dalla vita di una famiglia ebrea*, cit., p. 306.

⁴² ESGA 1, p. 328; trad. it. *Dalla vita di una famiglia ebrea e altri scritti autobiografici*, p. 463.

⁴³ Cf. ESGA 18, p. 3; trad. it. *Scientia Crucis*, Edizioni OCD, Roma 2002, p. 3.

do Verbo encarnado encontra verdadeira luz o mistério do homem” e que Cristo “precisamente revelando o mistério do Pai e de seu amor também revela plenamente o homem a si mesmo e lhe manifesta a sua mais alta vocação”⁴⁴.

Relendo o percurso de Edith Stein descobre-se várias décadas antes do Concílio uma primeira realização desta perspectiva teológica que está ligada à sua pesquisa filosófica anterior ao Batismo. Numa célebre carta sobre os últimos dias de seu mestre Husserl, escreve: “Deus é a verdade. Quem busca a verdade busca Deus, esteja ele claramente consciente disso ou não”⁴⁵. Compreende-se bem, então, a afirmação sobre a sua vida anterior à conversão que lhe é atribuída pela sua primeira biógrafa, Irmã Teresa Renata do Espírito Santo: “A minha sede de verdade era uma contínua oração”⁴⁶. Do ponto de vista antropológico, a busca de verdade se abre à teologia já em 1917, quando, ainda longe de ter percorrido todo o caminho de sua conversão e, portanto, permanecendo em um campo de investigação natural da verdade, escrevia a Roman Ingarden que “sem levar em consideração as questões relativas a Deus, não é possível chegar a uma teoria da pessoa, e é impossível compreender o que seja a história”⁴⁷.

A convicção de que a antropologia não possa prescindir da teologia se tornará o *Leitmotiv* das suas investigações antropológicas, que são o núcleo do seu pensamento e também de sua contribuição como possível Doutora da Igreja. Vários especialistas insistiram sobre o fato de que o seu conceito analógico de pessoa abre a um diálogo fecundo entre filosofia e teologia. Edith Stein, à luz da fé, vê que a verdade da pessoa humana se descobre em Deus, no mistério da Trindade e do Verbo Encarnado. Nesse sentido, *Ser finito e Ser eterno* merece ser valorizado como a obra steiniana mais significativa por sua tentativa de refletir sobre a pessoa humana a partir da autorrevelação de Deus como “eu sou aquele que sou” (Ex 3,14). Após uma longa ascensão rumo ao sentido do ser, que é ao mesmo tempo uma contribuição à teologia natural (*analogia entis*), Edith Stein se pergunta até que ponto as verdades cristãs da Trindade e da Encarnação iluminam uma doutrina da pessoa humana (*analogia personae*): “Aquele cujo nome é ‘Eu sou’, é o *Ser em Pessoa*”⁴⁸.

Mais concretamente, Edith Stein repensa a relação entre pessoa, natureza e vida consciente à luz da teologia trinitária: o portador (*Träger*) de uma natureza humana é um sujeito pessoal precisamente porque carrega uma natureza humana. Somente como portador de uma natureza humana, um sujeito pessoal está na base do fluxo de consciência da pessoa. Em outras palavras, Edith Stein integra a reflexão fenomenológica sobre subjetividade no interior de uma compreensão tradicional da relação recíproca entre pessoa e natureza. Nessa perspectiva, a pessoa não é o resultado de sua vida consciente, mas, ao contrário, ela a funda e permanece pessoa mesmo no caso de uma vida consciente restrita ou até mesmo ausente.

Além disso, Edith Stein desenvolve a *analogia personae* na perspectiva agostiniana e tomasiana da *imago Dei* e mais particularmente da *imago Trinitatis*. Comparada à tradicional identificação da imagem de Deus com o espírito ou os atos espirituais, Edith Stein enfatiza a constituição da pessoa humana em corpo (*Leib*), alma (*Seele*) e espírito (*Geist*). Do ponto de vista antropológico, nota-se tanto uma valorização da dimensão corpórea quanto uma reflexão inovadora sobre a alma humana como centro da unidade corpóreo-psíquico-espiritual da pessoa humana, que Edith Stein aprofunda, graças a autores místicos como Teresa de Jesus e João da Cruz, ambos Doutores da Igreja.

⁴⁴ *Gaudium et spes*, 22; São João Paulo II frequentemente se refere a esta passagem.

⁴⁵ ESGA 3, carta 542.

⁴⁶ TERESIA RENATA DE SPIRITU SANCTO, *Edith Stein*, Morcelliana, Brescia 1952, p. 111.

⁴⁷ ESGA 4, carta 9.

⁴⁸ ESGA 11/12, p. 293; trad. it. *Essere finito e essere eterno*, cit., p. 367.

Unicidade da pessoa e comunidade

A partir desse centro de atenção de Edith Stein que é a pessoa e de sua verdade oculta em Deus, surgem então alguns temas antropológicos fundamentais, em torno dos quais hoje frequentemente se debate e sobre os quais ela tem posições esclarecedoras. Em primeiro lugar, o da individualidade irrepitível da pessoa humana, de cada ser humano. Em Edith Stein, o termo “indivíduo” não tem o significado negativo que muitas vezes lhe é atribuído, contrastando-o com o termo “pessoa”⁴⁹. Ela atribui a máxima importância ao tema da individualidade da pessoa humana; para ela, expressa o fato de que cada pessoa humana é sem igual, irrepitível, única em seu modo de ser, bem como no seu valor e dignidade (*Eigenart e Eigenwert*). Afirma, por exemplo: todo homem “pode gloriar-se de ser imediatamente filho de Deus e de trazer, na alma, o seu próprio e irrepitível selo divino”⁵⁰. E ainda, desta vez com referência à ordem da redenção e da salvação: “É bem verdade que os desígnios de Deus se estendem a toda a humanidade e, por amor a ela, ao seu povo eleito. Mas Ele também se preocupa com cada alma em particular. Cada alma, como uma noiva, é rodeada por Ele de terno amor, cuidada com fidelidade paterna”⁵¹.

Segundo Edith Stein existe ainda uma analogia entre a individualidade do ser humano e a individualidade do povo; cada povo, assim como cada indivíduo humano, é único e irrepitível, portador de uma riqueza que lhe é própria. Assim como os indivíduos humanos são tantas encarnações irrepitíveis da mesma natureza humana comum, os povos constituem os membros do grande organismo da humanidade⁵².

O que é interessante notar é que a insistência na individualidade irrepitível e no valor único de cada ser humano (como de cada povo) em nada contrasta com a decisiva afirmação do valor da comunidade (respectivamente, de uma pacífica e ordenada colaboração entre povos); antes, a individualidade, reconhecida no seu valor específico e na contribuição que cada um é capaz de dar, é a premissa necessária. As reflexões sobre esse tema já haviam começado em seus escritos de juventude, particularmente nos ensaios *Indivíduo e comunidade* e *Liberdade e graça*, nos quais Edith Stein volta sua atenção para a dimensão comunitária do humano e explora a ideia de uma solidariedade universal. Eles então culminam na visão do Corpo Místico de Cristo nas últimas páginas de *Ser finito e Ser eterno*:

Podemos ir ainda mais longe e compreender toda a criação como Corpo Místico: segundo a ordem natural, porque tudo foi criado à imagem do Filho de Deus e porque Ele entrou na totalidade da criação com a Encarnação; segundo a ordem da graça, porque a graça da Cabeça flui em todos os membros, não só no homem, mas em todas as criaturas. Assim como toda a natureza infra-humana esteve envolvida na queda do homem, também ela deve ser renovada com o homem mediante a redenção⁵³.

Consequências da antropologia no campo da pedagogia e na reflexão sobre homem e mulher

Uma visão da pessoa tal como pode ser fornecida pela “filosofia cristã” serve como pressuposto para as ciências humanas – psicologia, sociologia e pedagogia – que de modo

⁴⁹ Cf., por exemplo, Jacques MARITAIN, “Trois réformateurs... L'individu et la personne”, in *Œuvres complètes*, vol. III, Éditions Universitaires - Éditions Saint-Paul, Fribourg-Paris 1985, pp. 446-459, p. 452.

⁵⁰ ESGA 11/12, p. 433; trad. it. *Essere finito e essere eterno*, cit., p. 526.

⁵¹ ESGA 18, p. 14; trad. it. *Scientia Crucis*, cit., p. 17.

⁵² Cf. ESGA 16, p. 83; trad. it. *Formazione della gioventù alla luce della fede cattolica*, in *Formazione e sviluppo*, cit., pp. 105-131, alle pp. 122-123.

⁵³ ESGA 11/12, p. 441; trad. it. *Essere finito e essere eterno*, cit., p. 535 (aqui com algumas modificações nossas).

algun podem fornecer a si mesmas uma tal visão, ou substituí-la, mas devem, ao contrário, apropriar-se dela, em seu próprio fundamento.

No que diz respeito à pedagogia, Edith Stein pretende elaborar uma fundamentação antropológica da pedagogia justamente na perspectiva de sua filosofia cristã. Segundo sua tese, toda pedagogia pressupõe explicita ou implicitamente uma antropologia, no interior de uma *Weltanschauung* mais ampla: “A teoria da ‘formação’ do homem [...] está ligada organicamente a uma imagem geral do mundo, ou seja, a uma *metafísica*, e a *ideia de ser humano* é aquela parte da imagem geral do mundo à qual ela está ligada da forma mais imediata”⁵⁴. No confronto com várias antropologias influentes do seu tempo, ela torna compreensível uma perspectiva cristã que seja um meio termo entre o otimismo e o pessimismo na pedagogia, valorizando a bondade própria das criaturas e a possibilidade de educar pessoas maduras para a liberdade e a responsabilidade, sem, no entanto, perder de vista as consequências do pecado e a necessidade de guias que sejam exemplos imitáveis.

Falando muitas vezes da finalidade da formação humana, reitera constantemente a necessidade de integrar o discurso pedagógico de seu tempo numa visão antropológica cristã que se baseie sobre a única vocação sobrenatural da pessoa humana. Ainda que por vezes ela faça uso da distinção entre finalidade natural e sobrenatural, sublinha o fato de que se trata de uma única vocação na qual se integram vários níveis, o da humanidade, do ser masculino e feminino, e o da individualidade, e que diz respeito à pessoa em todos os seus aspectos físicos, afetivos e intelectuais. Além de todos os aspectos a serem distinguidos, permanece o objetivo comum, que Edith Stein descreve como cristo-conformação [a conformação com Cristo]: “‘Sede, pois, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito’ [Mt 5,48]. E esta meta da formação está diante dos nossos olhos de forma visível na pessoa de Jesus Cristo. Tornar-se sua imagem é a finalidade de todos nós. E o caminho para nos tornarmos um, para todos nós, é a de deixarmo-nos formar por Ele, incorporando-nos Nele, a cabeça, como seus membros”⁵⁵.

Justamente pela importância atual desse tema, nos deteremos agora nas reflexões de Edith Stein sobre o ser masculino e o ser feminino, ou melhor, sobre a “vocação do homem e da mulher”, como ela diz no título de uma de suas conferências⁵⁶. Ela propõe uma antropologia dual com sua insistência sobre a diferença essencial entre o feminino e o masculino, que abrange “espírito, alma e corpo” (1Ts 5, 23), e articula essa visão, levando em consideração tanto a natureza humana comum quanto a irrepetível individualidade de cada homem e de cada mulher⁵⁷. Também leva a sério o contexto cultural e a mentalidade que mudam ao longo do tempo e que influenciam, por exemplo, o modo de conceber o trabalho dos homens e das mulheres em seus respectivos tempos e lugares.

Dentro da Antropologia, Edith Stein, em virtude de sua sensibilidade, do seu trabalho de professora e de sua atividade de conferencista, reserva o espaço mais relevante para a feminilidade, para a posição da mulher na sociedade e na Igreja. Em seu tempo, tendo sido ela mesma vítima de discriminação quanto à presença feminina no corpo docente das Universidades, na verdade ela havia começado muito antes, ainda estudante, a reivindicar para a mulher o lugar que lhe compete na sociedade, sobretudo no que diz respeito ao direito de votar. Mais tarde, sem repudiar o seu empenho na afirmação categórica da dignidade da mulher,

⁵⁴ ESGA 14, pp. 2-3; trad. it., *La struttura della persona umana*, cit., p. 4.

⁵⁵ ESGA 13, p. 42; trad. it. *La donna*, cit., p. 59.

⁵⁶ Cf. ESGA 13, pp. 56-78; trad. it. *Vocazione dell'uomo e della donna secondo l'ordine della natura e della grazia*, in *La donna*, cit., pp. 79-108.

⁵⁷ Cf. por exemplo ESGA 13, pp. 47 e segs.; trad. it. *La donna*, cit., pp. 66 ss. Cfr. ESGA 13, pp. 166 ss.; trad. it. *La donna*, cit., pp. 227 ss.: “Estou convencida de que a ‘espécie do homem’ se articula como uma dupla espécie [*Doppel-Espécie*], em ‘homem’ e ‘mulher’...” (p. 227).

ela julgará que o seu “feminismo radical”⁵⁸ juvenil tinha, porém, um defeito fundamental, que consistia na sua reivindicação de uma plena “equiparação” entendida como “assimilação” da mulher “ao tipo masculino”⁵⁹: tal defeito acabava por negar precisamente aquilo que nos interessava salvar e reivindicar, ou seja, a especificidade e o valor próprio do ser feminino. E seus anos em Espira e Münster são riquíssimos de contribuições nesse campo, seguindo na esteira dessa ideia inspiradora.

Certamente a concepção de Edith Stein está bem distante do feminismo contemporâneo, mas ela é capaz de dialogar criticamente com ele. Suas considerações sobre a diferença sexual oferecem pistas para conduzir a discussão de forma séria e não preconceituosa. Enquanto as feministas do início do Século XX lutavam pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, a discussão contemporânea gira em torno da dissolução da distinção sexual e, portanto, do próprio conceito de “mulher”⁶⁰; porém, a fenomenologia do corpo (*Körper* e *Leib*) de Edith Stein também pode oferecer uma argumentação útil para enfrentar esse desafio. Em todo caso, o seu pensamento influenciou o feminismo católico⁶¹ por intermédio de João Paulo II na Carta Apostólica *Mulieris dignitatem*.

Merecem destaque as reflexões steinianas sobre a mulher que, graças ao seu potencial materno, se concentra antes de tudo na pessoa e, portanto, é chamada a ser esposa e mãe; mas, além disto, também [é chamada] a uma profissão segundo os seus talentos, levando em consideração que o caráter feminino pode configurar áreas de trabalho até então reservadas aos homens, mais voltadas para a coisa do que para a pessoa. A atenção à pessoa e o cuidado do outro para fazê-lo crescer até a plenitude de si mesmo expressam o coração da mulher, porque em geral “onde quer que ajude uma criatura humana em desenvolvimento a encontrar o seu caminho próprio e a chegar à sua própria realização física, espiritual e psíquica, ela é mãe”⁶², independentemente de sê-lo biologicamente ou não. Por isso, declara com orgulho: “na especificidade feminina está traçada uma elevada tarefa: levar os valores humanos ao pleno desenvolvimento, em nós mesmos e nos outros”⁶³.

É na fé em Deus Trindade e, portanto, na abordagem teológica (que leva em conta a natureza decaída da humanidade após o pecado e, portanto, a presença de masculinidade e feminilidade tóxicas) que Edith Stein encontra resposta plena à questão da peculiaridade e do valor do ser feminino, mas com esta ênfase: o que a fé ensina não acrescenta nada extrinsecamente ao ser feminino tal como ele é; é verdade, ao contrário, que corresponde ao anseio profundo do ser feminino. Ora, numa antropologia como a de Edith Stein, em que o valor máximo, revelador do fato de que o ser humano foi criado à semelhança de Deus, é o dom de si, aquela que o encarna de modo mais completo é a mulher. Tudo isto certamente não significa para a mulher uma renúncia à autorrealização; ao contrário,

a força da doação de si não é apenas a medida da ajuda que é dada, mas também daquilo que se pode receber na própria alma e que, portanto, se pode experimentar como aperfeiçoamento do próprio ser.

⁵⁸ Cf. ESGA 1, p. 146; trad. it. *Dalla vita di una famiglia ebrea*, cit., pp. 217-218. Cf. ESGA 2, carta 169; trad. it. *Lettere I (1916-1933)*, cit., pp. 294-295.

⁵⁹ ESGA 13, p. 6; trad. it. *La donna*, cit., p. 10.

⁶⁰ Surge aqui a questão da “ideologia *gender*”, abordada em FRANCISCO, Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia* (2016), 56 e Congregação para a educação católica, “*Homem e mulher os criou*”. *Por uma via de diálogo sobre a questão do gender na educação* (2019).

⁶¹ Para dar um exemplo da potencial fecundidade do pensamento de Edith Stein na perspectiva de um diálogo crítico com o presente, a “espinhosa e muito debatida questão do *sacerdócio da mulher*” (sobre a qual, entretanto, o Magistério se pronunciou) encontra uma resposta na “vocação mais sublime”, própria da “*sponsa Christi*”, isto é, da mulher, representada em seu grau mais perfeito pela Mãe de Jesus (ESGA 13, pp. 76-77, trad. *La donna*, cit., pp. 106-108; Cf. ESGA 13, p. 139; tradução italiana. *La donna*, cit., p. 189).

⁶² ESGA 13, p. 50; trad. it. *La donna*, cit., p. 71.

⁶³ ESGA 13, p. 11; trad. it. *La donna*, cit., p. 17.

E se pertence à essência da mulher um maior poder de doação, será ela que na união de amor não apenas dará mais, mas também receberá mais.⁶⁴

Validade teológica do núcleo antropológico

Os três pontos anteriores sobre verdade da pessoa e os seus corolários (a individualidade pessoal, consequências pedagógicas e diferença sexual) permitem-nos apreender o núcleo antropológico do pensamento steiniano, que se situa no âmbito de sua filosofia cristã e que, conseqüentemente, integra algumas verdades de fé como uma nova fonte de conhecimento para o trabalho filosófico. Edith Stein refere-se particularmente à Trindade, à Encarnação do Verbo, ao Corpo Místico de Cristo, aos relatos bíblicos sobre o homem e a mulher ou mesmo à criação imediata da alma espiritual por Deus no instante da concepção⁶⁵.

Vários aspectos da pesquisa steiniana entram no campo da antropologia teológica atual, que na primeira metade do século XX ainda não era uma disciplina teológica por direito próprio. Edith Stein tenta “trazer à tona a *imagem do homem* contida em nossa *doutrina de fé*”, ou seja, tenta propor uma “*antropologia dogmática*”⁶⁶. Ela consulta de bom grado os textos bíblicos e não apenas os primeiros capítulos do Gênesis. De particular interesse é o seu modo de conceber a relação entre cristologia e antropologia a partir de Cristo como Cabeça da humanidade segundo a natureza e a graça, isto é, como “fonte” e “cume” (GS 22). Este ponto de partida é desenvolvido de forma original. Primeiramente, Edith Stein procura articular o aspecto antropológico (a humanidade como Corpo de Cristo) e o aspecto eclesiológico (a Igreja como Corpo de Cristo) com a pergunta sobre o Espírito Santo como vivificador dos membros no Corpo dentro e fora das fronteiras visíveis da Igreja. Depois, em segundo lugar, não reduz a imagem do corpo só à complementaridade entre várias funções, mas procura apreender a sua dimensão ontológica, ou seja, a ideia de uma complementaridade entre as próprias pessoas na sua qualidade individual última. A plenitude da humanidade em Cristo prefigura assim todas as qualidades individuais, fundando a insubstituibilidade de cada pessoa humana.

A esse respeito, nota-se uma mudança teologicamente significativa. Em *Potência e ato*, Edith Stein apresentava a audaciosa tese de que toda pessoa humana deve ser considerada, de certa forma como uma espécie própria⁶⁷. Em *Ser finito e ser eterno*, por outro lado, ela revê a sua tese à luz da doutrina do Corpo místico e leva mais em consideração a finitude e a interdependência humana em uma perspectiva escatológica:

Podemos admitir que, para cada um, a perfeição de estar na glória não só trará a libertação das escórias de uma natureza corrompida, mas também o desdobramento de todas aquelas possibilidades que não teve a possibilidade de realizar. Mesmo assim, não levará a “essência do homem” à perfeição completa. Pertence à essência do homem que cada indivíduo seja *membro* e que se realize como um todo, com todas as possibilidades fundadas nele, em uma *humanidade* na qual os indivíduos singulares se relacionam como entre “membro a membro”. Cada um deve encarnar a “natureza humana universal”, para poder ser um membro desse todo. Mas essa é apenas uma moldura que deve ser preenchida pela multiplicidade das essências dos membros individuais. [...] A essência individual [...] é membro de um todo que se atualiza como *unidade vital* do todo e somente na conexão vital do todo ela pode desdobrar-se em seu lugar e em cooperação com os outros membros⁶⁸.

⁶⁴ ESGA 11/12, p. 430; trad. it. *Essere finito e essere eterno*, pp. 523-524.

⁶⁵ Cf. ESGA 14, pp. 130-133; trad. it. *La struttura della persona umana*, cit., pp. 179-183.

⁶⁶ ESGA 15, p. 3 (*O que é o homem? Antropologia teológica*, ainda não traduzida para o italiano).

⁶⁷ Cf. ESGA 10, pp. 261s.; trad. it. *Potenza e atto. Studi per una filosofia dell'essere*, Città Nuova, Roma 2003, p. 377.

⁶⁸ ESGA 11/12, pp. 424s.; trad. it. *Essere finito e essere eterno*, cit., p. 517 (mas aqui a tradução foi amplamente revisada).

A interdependência e a solidariedade no gênero humano dizem respeito à natureza e à graça juntas, precisamente na unidade vital que é a obra do Espírito Santo.

Já com esses esclarecimentos, a contribuição steiniana vai além da mera antropologia teológica, chegando ao campo da cristologia e da eclesiologia. Ainda mais, o desenvolvimento da *analogia personae* não só oferece um conhecimento renovado da pessoa humana, mas tem também uma implicação teológica. Já destacamos a mediação steiniana entre filosofia medieval e fenomenologia moderna, pensando em particular na relação entre pessoa, natureza e vida consciente. Parece-nos que a reflexão steiniana oferece também uma mediação da filosofia em direção à teologia. A distinção fenomenológica fundamental entre a consciência como 1) sujeito consciente e 2) vida consciente (fluxo de consciência) pode iluminar a questão da relação entre pessoa e consciência na teologia trinitária. Autores como Barth e Rahner alertaram contra possíveis mal-entendidos no uso do conceito teológico de “persona” no contexto da filosofia moderna, onde a consciência está associada à pessoa e não mais à natureza. Em outras palavras, o termo “persona” sugere consciência no sentido da vida divina e corre o risco de conduzir erroneamente a um triteísmo, sugerindo que cada Pessoa divina tenha uma vida própria. A distinção steiniana pode ajudar a evitar o mal-entendido na medida em que a consciência está associada tanto à pessoa quanto à sua natureza, mas de um ponto de vista diferente. Por um lado, a pessoa é o sujeito consciente, mas, por outro lado, sua vida consciente é expressão de sua natureza (para Deus, sempre coincide com a sua natureza), de tal forma que cada Pessoa divina carrega a mesma e única vida divina a seu modo⁶⁹.

Concluindo, a contribuição teológica de Edith Stein se baseia na interdependência entre antropologia e teologia. A teologia torna fecunda a sua investigação sobre a pessoa humana e esta, reciprocamente, torna-se fecunda no campo teológico, como acabamos de ver. Podemos então dar uma olhada em como a verdade da pessoa também consegue iluminar o campo da teologia espiritual.

6. Verdade da pessoa e vida espiritual

Participação na obra da redenção. A Cruz e a glória

A visão de Edith Stein, como vimos, é uma visão fortemente unitária e integrada da realidade e, em particular, da pessoa humana; nela filosofia, teologia e espiritualidade estão intimamente ligadas, e a sua doutrina espiritual está ligada em particular à sua antropologia, contribuindo (ou abrindo), por exemplo, para uma reflexão sobre a diferença sexual na vida espiritual⁷⁰; por isso, vários elementos dessa doutrina espiritual já vieram à luz. Destacamos a seguir alguns outros elementos essenciais, começando pela piedade eucarística.

Numerosos testemunhos dados nos processos canônicos falam das horas de adoração silenciosa que Edith Stein passava diante do sacrário, mesmo antes de entrar no mosteiro. Ela aconselha os profissionais das *Societas religiosa* a irem e voltarem ao Senhor Eucarístico durante a jornada de trabalho⁷¹. Medita sobre as modalidades de uma *Educação eucarística* numa conferência de 1930, na qual afirma, ligando-se às suas reflexões sobre feminilidade: “o coração feminino, com o seu desejo de doar-se sem limites, de abnegar-se, tem, por assim dizer,

⁶⁹ A mesma distinção poderia mostrar a sua fecundidade também no contexto cristológico, na questão da consciência de Jesus ser o Filho de Deus e na questão do sentido de chamar a Pessoa divina do Verbo de “humana” depois da Encarnação.

⁷⁰ Cf. por exemplo ESGA 13, pp. 76 ss., 86 ss., 103 ss.; trad. it. *La donna*, cit., pp. 106 ss. 118 ss., 143 ss.; ou ESGA 11/12, p. 430; trad. it. *Essere finito e essere eterno*, cit., pp. 523 ss.

⁷¹ Cf. ESGA 13, pp. 43-45; trad. it. *Vie del silenzio interiore*, in *La donna*, cit., pp. 60-63.

uma afinidade natural com a do Senhor que pulsa no sacrário para todos”⁷² Acima de tudo, vale recordar uma belíssima passagem de sua conferência sobre *O mistério do Natal*:

Viver eucaristicamente significa sair decididamente dos limites estreitos da própria vida e transplantar-se na grande vida de Cristo. Quem vai visitar o Senhor em sua casa nem sempre continuará esperando que Ele se ocupe dele e de seus afazeres, mas começará a se interessar pelas coisas do Senhor. [...] Quem na terra, tendo um espírito e um coração sensíveis, poderia estar ao lado da santa Vítima, sem ser tomado pela ideia de fazer-se vítima, sem ser tomado pelo desejo de ser enxertado, ele e a sua pequena vida pessoal, na grande obra do Redentor?⁷³.

Nessa passagem, também encontra expressão o que parece ser o coração da espiritualidade de Edith Stein: a união com o Senhor Jesus a ponto de oferecer a sua vida como Ele e com Ele, cooperando assim na obra da redenção, como também escreve em 1932: “Há uma vocação para sofrer com Cristo e, assim, cooperar em sua obra de Redenção”⁷⁴. O tema do sofrimento e da “oferta de si” surge com frequência, mas não se trata de buscar o sofrimento pelo sofrimento (o que seria uma perversão)⁷⁵, mas de estar com Cristo no caminho da Cruz, na fé que é a arma poderosa que derrota o mal do mundo; trata-se de cooperar com Cristo na obra da redenção. Para isto, Ele chama seus discípulos.

No que diz respeito ao caminho junto com Cristo, emerge outro aspecto característico da espiritualidade steiniana, a saber, o “caminhar de mãos dadas com Ele” entendido em metafóricamente como expressão do encontro entre a liberdade divina e a liberdade humana.

Ser filho de Deus [*Gotteskind*] significa andar de mãos dadas com Deus, fazer a vontade Dele e não a própria, colocar toda preocupação e esperança em suas mãos, não mais se preocupar consigo e com o próprio futuro. Esta é a base da liberdade e da alegria do filho de Deus⁷⁶.

Com a insistência na liberdade e na alegria na vida filial, abre-se também espaço para captar em Edith Stein um tema que facilmente passa despercebido, mas que torna sua imagem menos injustamente austera e mais em sintonia com a sensibilidade atual, o tema da alegria.⁷⁷

Edith Stein conhece a alegria da atividade humana, do compromisso do cristão no mundo, a serviço do Senhor, exigindo “que nos consideremos um instrumento e nada mais do que um instrumento, e que consideremos especialmente as faculdades com as quais temos de trabalhar em particular, por exemplo, no nosso caso, o intelecto, não como algo de que dispomos, mas como algo de que Deus se serve em nós”; e isto porque, afinal, “quanto mais profundamente se é introduzido na intimidade com Deus, tanto mais se deve ‘sair de si mesmo’ também neste sentido, isto é, entrar no mundo para aí levar a vida de Deus”⁷⁸. No entanto, ela,

⁷² ESGA 16, pp. 63-70; trad. it. *Educazione eucaristica*, in *Formazione e sviluppo*, cit., pp. 95-104, na p. 96.

⁷³ ESGA 19, p. 13; trad. it. *Nel castello dell'anima*, cit., p. 161.

⁷⁴ ESGA 2, carta 234; trad. it. *Lettere I (1916-1933)*, cit., p. 405.

⁷⁵ “A Cruz não é um fim em si mesma. Ela, sendo levantada, indica a direção para o alto” (ESGA 18, p. 16; trad. italiano *Scientia Crucis*, cit., p. 20).

⁷⁶ ESGA 19, p. 9; trad. it. *Il mistero di Natale. Incarnazione e umanità*, in *Nel castello dell'anima*, cit., p. 156 (mas aqui a tradução foi amplamente revisada, cf. EDITH STEIN, *Scritti spirituali*, Mimep-Docete, Pessano con Bornago - MI 1998, p. 425).

⁷⁷ Do ponto de vista existencial, cf. Waltraud HERBSTTRITH, ed., *Die Freude im Leben Edith Steins*, in *Edith Stein. Versöhnerin zwischen Juden und Christen*, Johannes Verlag, Leutesdorf 1987, pp. 23-42. Do ponto de vista filosófico e espiritual, cf. o exemplo da alegria, constantemente retomado na tese sobre empatia (ESGA 5, pp. 16.20.23-26.28.65-68.121 s.; trad. it. *Il Problema dell'empatia*, Studium, Roma 1998, pp. 74. 79. 82-85. 88. 135-139. 211) e in *Ser finito e ser eterno* (ESGA 11/12, pp. 63-80; trad. it. *Ser finito e ser eterno*, cit., pp. 100-124), ou mesmo o tratamento da paixão “alegria” segundo João da Cruz na *Ciência da cruz* (ESGA 18, pp. 74-90; it. trad. *Scientia Crucis*, cit., pp. 99-123).

⁷⁸ ESGA 2, carta 60; trad. it. *Lettere I (1916-1933)*, cit., p. 128.

que por doze anos tinha aspirado ao Carmelo e aí viveu quase nove, conhece também a fecundidade das secretas correntes de graça, que brotam da oferta silenciosa de si, como escreve em *Vida oculta e epifania*, citado pelo Papa Francisco em *Gaudete et exsultate*:

Na noite mais escura surgem os maiores profetas e santos. No entanto, a corrente vivificante da vida mística permanece invisível. Certamente os acontecimentos decisivos da história mundial foram essencialmente influenciados por almas sobre as quais nada é dito nos livros de história. E a quais almas temos de agradecer pelos acontecimentos decisivos de nossa vida pessoal, é algo que só saberemos no dia em que tudo o que está oculto for revelado⁷⁹.

Já estava no mosteiro, numa carta a um velho amigo, filósofo fenomenólogo como ela, resume a vocação carmelita numa fórmula lapidar: “Estar diante de Deus por todos”⁸⁰. A guerra tinha apenas começado quando no dia da Exaltação da Cruz, em que as monjas renovam os seus votos, ela grita:

O mundo está em chamas! Percebe a necessidade de apagá-las? Olha para a Cruz. [...] Dirige o olhar ao Crucifixo. Você é sua noiva; junto a Ele com a observância dos votos sagrados, o *Seu* preciosíssimo sangue se torna *seu*. Unidas a Ele, tornai-vos omnipresentes como Ele. [...] Graças à força da Cruz podeis estar presentes em todos os fronts, em todos os lugares de dor, onde quer que vos leve a vossa caridade compassiva, aquela caridade que retiras do divino Coração, que derrama o Seu preciosíssimo sangue por toda a parte para acalmar, salvar e redimir⁸¹.

Ela pediu e obteve, no mosteiro, para usar o título “da Cruz”: mas a Cruz é a “arma forte de Cristo”, a Cruz poderosa, a Cruz vitoriosa, a Cruz que salva e nos introduz na glória, na alegria

aqueles que aceitam receber Dele a vida, e que Dele não podem recebê-la senão desfazendo-se da sua, [...] mergulham na Sua vida para se tornarem membros de Seu corpo e, como tal, para sofrer e morrer com Ele; mas também para ressuscitar com Ele para a vida divina eterna. [...] Assim, a fé no Crucificado – fé viva, acompanhada da entrega amorosa – é para nós a porta de acesso à vida e o início da glória futura⁸².

A *Scientia Crucis* diz da alma que percorreu o estreito caminho da purificação e que apoiou a ação de Deus nela, que “não atribui nada a si mesma, mas tudo a Deus. Se é digna de amor aos Seus olhos, significa que foi o Seu olhar que a tornou assim. Por meio de sua graça, Ele a tornou tão bela, a ponto de poder agora amá-la apaixonadamente”⁸³.

Na escola do Carmelo, o ensinamento e a vida espiritual de Edith Stein são originais e inovadores na medida em que são fundamentados e enriquecidos com o seu ensinamento sobre a pessoa humana. Ela contempla o mistério da Cruz de Cristo tendo por pano de fundo suas reflexões sobre a liberdade, o amor e o dom de si, que segundo ela, é o ato mais livre da liberdade. Para a Santa, a união com o Senhor realiza-se na Cruz, precisamente porque a Cruz é o lugar do dom de si livre e por amor.

⁷⁹ FRANCISCO, *Gaudete et exsultate*, 8 e *Discurso* na conclusão da reunião sobre “A proteção dos menores na Igreja” de 24 de fevereiro de 2019; podemos ainda citar *A oração da Igreja* (ESGA 19, pp. 52 e 54-55; trad. it. *Nel castello dell’anima*, cit., pp. 351 e 354) e *História e espírito do Carmelo* (ESGA 19, p. 139; tradução italiana. *Nel castello dell’anima*, cit., p. 270).

⁸⁰ ESGA 3, carta 318.

⁸¹ ESGA 20, p. 121; trad. it. *Nel castello dell’anima*, cit., p. 412.

⁸² ESGA 18, pp. 15-16; trad. it. *Scientia Crucis*, cit., p. 19.

⁸³ ESGA 18, p. 219; trad. it. *Scientia Crucis*, cit., p. 307.

Edith Stein, que viveu em um ambiente multiconfessional como o da Alemanha entre os séculos XIX ao XX, entre cristianismo católico e protestante, hebraísmo, conversões, mas também indiferença religiosa e ateísmo, é uma figura atual que pode contribuir com o diálogo entre as fés e com o mundo “secular” ou “secularista”. O Centro para Diálogo e Oração de Auschwitz tem, recentemente, constatado o quanto ela é percebida como uma pessoa que une culturas e religiões⁸⁴.

Não se pode concluir um resumo da experiência e do pensamento de Edith Stein sem reservar um espaço adequado, ao menos, para a pertença ao povo hebreu daquela que conhece bem o significado de seu nascimento em 12 de outubro de 1891, naquele ano *Yom Kippur* (Dia da Expição). Edith Stein tem uma viva consciência e orgulho de pertencer ao povo hebreu e, desde o início de sua conscientização “social” até à morte, cresce nela a convicção que o seu povo tem um lugar único entre todos os povos, e a mantém também à luz de Jesus Cristo. Ela é uma “convertida” fiel ao seu povo e orgulhosa de fazer parte dele, já muito antes da *Nostra aetate*. Isso é destacado na Carta que ela escreve ao Papa Pio XI: “Esta guerra de extermínio contra o sangue hebreu, não é um ultrage à santíssima humanidade do nosso Salvador, da beatíssima Virgem e dos Apóstolos?”⁸⁵ Insiste, ainda, no final da sua carta, no destino comum entre o povo hebreu e a Igreja, um pensamento que já havia expressado anteriormente em um contexto menos dramático:

O indivíduo nasce em uma comunidade de povo e é sustentado por ela, sendo natural amá-la e servi-la. Que ela também tenha um significado salvífico, mostra-nos de modo mais evidente o povo que Deus eleger particularmente como seu povo santo: *a todo o povo* Ele deu a *Lei*, que devia indicar a cada um o caminho a seguir na vida, e deu-a àquele único [*einen*] povo, para conservá-la para todos os outros, para toda a humanidade, e transmiti-la ininterruptamente⁸⁶.

Uma de suas contribuições essenciais para as relações com o povo hebreu é a convicção de que ele tenha recebido a vocação para ser povo de Deus. A encarnação do Verbo não lhe tira essa vocação, pelo contrário, a confirma, na medida em que a Igreja está enxertada no povo eleito ou como Edith Stein faz dizer a Rainha Ester: “Vi a Igreja germinar do meu povo, um terno pequeno ramo em flor”⁸⁷.

Além disso, o seu conhecimento da liturgia hebraica, da qual afirma o valor de protótipo, permite-lhe propor Ester como modelo da Virgem Maria, e assim lançar as bases para uma mariologia baseada na Escritura e em consonância com a liturgia da sinagoga, ligada às suas grandes festas aos “cinco rolos” de: *Cântico dos Cânticos*, *Rute*, *Lamentações*, *Eclesiastes*, *Ester*. A tradição católica frequentemente se refere ao *Cântico dos Cânticos* e à Filha de Sion do livro das *Lamentações* quando fala de Maria e da Igreja. Com uma acurada sensibilidade teológica, Edith Stein busca, em sua experiência hebraica, acrescentar a essas figuras a da Rainha Ester e propor uma festa litúrgica da Rainha da Paz que une Maria a Ester⁸⁸.

⁸⁴ Nos referindo à campanha *Edith Stein Connects* criada em 2021.

⁸⁵ ESGA 2, carta 251 (ao Papa Pio XI, abril de 1933); trad. it. *Lettere I (1916-1933)*, cit., p. 440.

⁸⁶ ESGA 16, p. 27; trad. it. *I fondamenti teoretici del lavoro di formazione sociale*, in *Formazione e sviluppo*, cit., pp. 25-52, alla p. 42.

⁸⁷ ESGA 20, p. 243; trad. it. *Nel castello dell'anima*, cit., p. 474.

⁸⁸ Cf. ESGA 20, pp. 362-378, com o texto do Ofício da Bem-Aventurada Virgem Maria, Rainha da Paz, elaborado por Edith Stein. Ela se identifica como “a pequena Ester” na ESGA 3, carta 573 (31 de outubro de 1938).

7. Conclusão

Propõe-se o doutorado eclesial de Edith Stein, Santa Teresa Benedita da Cruz. O que é capaz de motivar suficientemente essa proposta? É objeto de constatação o fato de que hoje o interesse pela obra de Edith Stein cresce rapidamente em diversos ambientes acadêmicos, com um grande número de especialistas, com vários grupos de pesquisa, congressos, teses doutorais, revistas a ela dedicadas. Além disso, está em conformidade com a sensibilidade atual, além de sê-lo com o ensinamento da Igreja, a estreita ligação entre teoria e prática, verdadeiramente exemplar, testemunhada por ela a todo crente, ao longo de sua vida, fora dos muros da clausura como nos nove anos de sua vida de Carmelita. Lembramo-nos também do modo como a sua constante busca da verdade, da verdade sobre o sentido da pessoa humana e do seu destino, se abre à Palavra de Deus, à Tradição e ao Magistério da Igreja, invocando uma luz mais poderosa do que aquela que brota do mero esforço humano, mesmo se conduzido com toda a dedicação e honestidade.

Tudo isso tem um certo peso, mas poderia não parecer suficiente para pedir o título de Doutora da Igreja. Edith Stein não corresponde plenamente à tipologia dos grandes Doutores do passado, nem à de outros recentemente proclamados: ela não é simplesmente a autora de uma obra teológica mais ou menos imponente, nem, principalmente, a autora de textos de espiritualidade. Para Edith Stein, o título de Doutora da Igreja seria conferido sob uma perspectiva diferente: como a uma mulher santa, uma intelectual cristã que desempenhou um papel importante e profético na Igreja de seu tempo, e que assim se tornaria um sinal para o papel das mulheres na Igreja de hoje e de amanhã. Mas isso não basta: também devemos nos perguntar até que ponto a sua doutrina é eminente. Daquilo que precede, nós chamamos a atenção para três aspectos pelos quais ela pode ser considerada eminente e exemplar para a Igreja.

- 1) O primeiro aspecto é que Edith Stein propõe uma pesquisa filosófica que não só aceita a interação com a fé cristã, mas a considera necessária para a própria finalidade da filosofia, que consiste em conhecer a origem, o sentido e a finalidade de tudo aquilo que existe. A sua filosofia cristã coloca no centro a busca da verdade, uma verdade capaz de dar luz, sentido e beleza à vida de cada pessoa, e escolhe os meios de acordo com essa busca: não só a luz natural da razão humana, mas também, em virtude de uma razão ampliada, a luz sobrenatural das verdades da fé como ponto de partida para uma renovada reflexão filosófica sobre as realidades criadas. Um exemplo dessa abordagem, diz ela, são as *Summae* medievais. Isso sem negar que a investigação filosófica de Edith Stein tenha um valor em si mesma, inteiramente, do começo ao fim, que tenha sua própria natureza e métodos, segundo os quais é capaz de conhecimentos verdadeiros, ainda que parciais e incapazes de revelar plenamente o sentido último da existência: através dos seus escritos ela leva o leitor a uma reflexão concreta capaz de ajudar a levar discernimento para contextos desumanizantes, onde o significado da pessoa humana corre o risco de ser negado (pensa-se, por exemplo, em sua antropologia no tempo do Nazismo). De fato, graças a isso, num tempo de perda de fé e de razão, a Santa ensina que a Igreja guarda e defende o pensamento humano em seu interior.
- 2) Entre todas as realidades criadas, Edith Stein aprofunda especialmente e continuamente a verdade da pessoa humana consciente e livre, constituída de corpo, alma e espírito, e a sua dimensão intersubjetiva constitutiva. As amplas e articuladas investigações fenomenológicas de sua juventude são continuadas e enriquecidas com a experiência dos místicos carmelitas (em particular no que diz respeito à interioridade ou à relação entre o eu e a alma) e com a reflexão teológica (em particular a interdependência entre pessoa e natureza, entre alma e corpo). A perspectiva de Edith Stein põe no centro a

vocação da humanidade para a vida eterna em comunhão com Deus, levando em conta a realização dessa vocação em função do ser masculino ou feminino, da individualidade insubstituível e da dignidade inalienável de cada pessoa. A crescente literatura secundária confirma a relevância da antropologia steiniana para a psicologia, a pedagogia e os estudos sobre a diferença sexual.

- 3) O ensinamento espiritual de Edith Stein, rico tanto da sensibilidade proveniente da sua herança judaica, como da leitura frequente das obras dos místicos – em particular Agostinho, Teresa d’Avila e João da Cruz – tem um sólido fundamento antropológico ao qual se liga não extrinsecamente. A interrelação entre espiritualidade e antropologia revela-se fecunda, por exemplo, no aprofundamento do mistério da Cruz como expressão suprema da liberdade e do amor com que Cristo oferece a sua vida por toda a humanidade. O seu ensinamento espiritual ajuda, portanto, a vivificar a vocação batismal: desde a relação com Israel, à centralidade do Mistério de Cristo e à participação na Cruz, ao discernimento escatológico ao serviço da paz em tempo de guerra...

Por fim, queremos reiterar o quanto os caminhos que Edith Stein abriu anunciam o Concílio Vaticano II e o Magistério mais recente, o “depósito” essencial da Igreja, e o quanto ela pode nos ajudar no zeloso trabalho de purificação contínua, sobretudo no que diz respeito à “opção antropológica” e à necessidade de um “humanismo teocêntrico e cristocêntrico”. O empenho interdisciplinar esperado hoje no Magistério eclesial encontra plena realização em sua obra, guiada pela convicção que quanto mais nos aproximamos de Deus, mais nos tornamos capazes de fidelidade à criação e ao homem, apreendidos assim no seu sentido e na sua verdade mais profunda. Edith Stein como Doutora da Igreja tem, portanto, o potencial de se tornar um exemplo que ajuda a explorar como as verdades reveladas podem iluminar as pesquisas nas disciplinas não teológicas.